

FAMÍLIA: REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Maria Julia Scicchitano Orsi*

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa que teve o objetivo de investigar as características da família contemporânea, decorrentes do rápido avanço tecnológico, científico e das transformações histórico-sociais, e analisar seus reflexos na dinâmica das relações familiares, no modo de educar os filhos e na aprendizagem escolar.

A família de classe média, tomada como foco de análise, foi considerada um sistema de vínculos afetivos, em constante transformação, onde ocorre o processo de humanização, construção da subjetividade e de formação básica para a aprendizagem.

A idéia central é analisar a função dos pais na sociedade contemporânea como mediadora entre a criança e o mundo, no processo de apropriação de conhecimento. O adulto é considerado por Vigotsky (1988) como um mediador no processo de desenvolvimento da criança e oferece instrumentos para a apropriação do conhecimento. Porém, a internalização dos recursos disponíveis no ambiente, ocorre de forma individual, variando de uma criança para outra.

Tal conceito também pode ser verificado nos pressupostos psicanalíticos a partir das idéias de Winnicott (1997), que considera a família como componente indispensável a boa estruturação psicológica da criança. Porém, o autor lembra que a existência da família por si só, não assegura o desenvolvimento saudável da criança, uma vez que ela é também influenciada por fatores intrínsecos, que determinarão em grande parte a maneira como se apropriará dos recursos disponíveis.

Vigotsky (1988) ao considerar a aprendizagem como profundamente social, afirma que quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, dão a ela uma atenção social mediada, e assim desenvolvem um tipo de atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente. Tal consideração se baseia no fundamento de que o homem torna-se humano, apropriando-se da humanidade produzida historicamente. O ensino tem, nesse contexto, a função de transmitir as experiências histórico-sociais que se modificam no decorrer dos tempos.

* Psicóloga Clínica e Mestre em Educação – UEM.

Aprender é uma atividade desejante construída sob a égide de uma relação familiar saudável e segura. A aprendizagem, ganha significado dentro do contexto familiar e social, ainda que a apropriação dos conteúdos seja individual.

Acredita-se que o ambiente familiar estável e afetivo contribui positivamente para o bom desempenho da criança na escola, embora não garanta o seu sucesso, uma vez que este, depende de outros fatores que não exclusivamente os familiares.

Tais pressupostos permitem afirmar que o processo de desenvolvimento do indivíduo, bem como sua aprendizagem, sofrem influência direta das mudanças ocorridas na estrutura social. Ao se modificarem as relações do homem com o trabalho, a partir de novos instrumentos e novas condições impostas pela indústria de consumo, transformam-se também as relações entre os indivíduos, afetando sobremaneira a estrutura e dinâmica familiar que compõe o tecido social.

Assim, a família uma vez considerada como mediadora entre o indivíduo e a sociedade, oferecendo recursos para uma relação dialética e ativa, não pode deixar de ser analisada fora do contexto das transformações sociais ocasionadas pelas mudanças no sistema produtivo. As modificações na relação do indivíduo com o trabalho acarretaram novos posicionamentos tanto da mulher quanto do homem, que indiscutivelmente refletiram na família contemporânea determinando novos mapeamentos em sua estruturação e diferentes referenciais que norteiam as relações entre marido e mulher e entre pais e filhos.

A família se modifica através dos tempos, mas em termos conceituais, é um sistema de vínculos afetivos onde deverá ocorrer o processo de humanização. A transformação histórica do contexto sócio-cultural resulta de um processo em constante evolução ao qual a estrutura familiar vai se moldando. No entanto, é importante considerar que por maiores que sejam as modificações na configuração familiar, essa instituição "permanece como unidade básica de crescimento e experiência, desempenho ou falha" (ACKERMAN, 1980 p.29), contribuindo assim, tanto para o desenvolvimento saudável quanto patológico de seus componentes.

Se por um lado as conquistas no âmbito do trabalho promoveram uma maior inserção da mulher em diferentes segmentos da sociedade, por outro, essa mesma conquista roubou a possibilidade de controle de seu tempo, sobretudo no que se refere à dedicação aos filhos e ao desempenho da função educativa dentro da família.

Como consequência, houve uma necessidade de reorganização das funções entre marido e esposa, impondo aos homens o desempenho de papéis que anteriormente eram exercidos exclusivamente pelas mulheres.

Nesta perspectiva, a família, para Horkheimer e Adorno (1973) está indissolúvelmente ligada à sociedade e seu destino dependerá do processo social e não de sua existência por si só.

Ao analisar as transformações familiares ocorridas na contemporaneidade, Kehl (apud COMPARATO; MONTEIRO, 2001) ressalta o caráter nostálgico atribuído a família ideal, nuclear e estruturada, que gera uma espécie de dívida tanto da família quanto da mulher atual, fomentada pela indústria cultural e pelos meios de comunicação. O peso maior desta dívida recai sobre a mulher, que foi quem mais abandonou suas posições tradicionais na família nos últimos tempos.

A família contemporânea, configurada sob novos arranjos, tem sido muitas vezes considerada como desestruturada, o que fundamenta a justificativa do grande aumento no número das psicopatologias de diferentes ordens, incluindo as dificuldades na aprendizagem escolar. Isso tem resultado em uma busca significativa por atendimentos psicoterápicos e psicopedagógicos, frente às falhas da criança em conseguir acompanhar o que se determina atualmente como um desenvolvimento normal da aprendizagem na escola.

O excesso de informações e de referenciais que norteiam a educação de filhos ocorre para Kehl (apud COMPARATO; MONTEIRO, 2001) na proporção inversa da autoridade dos pais. Na cultura atual, marcada pelo narcisismo e pelo individualismo, os filhos se tornaram a esperança de imortalidade e de perfeição para os pais. Assim, esta expectativa envolvida por desejo de garantias e de certezas, muitas vezes impede os pais de por si só se responsabilizarem pela educação dos filhos, para não correrem o risco de errar sozinhos e, sobretudo, de carregarem a culpa pelos problemas apresentados pelos filhos.

A educação e a formação do indivíduo estão hoje sobredeterminadas pelo sistema capitalista e pela ciência que, com seus saberes, define o tipo ideal de pai, de mãe, de filhos, de alunos e de escola que a sociedade de consumo necessita.

Com isso, a família sofre os efeitos da industrialização, pois quando o modo de ser dos homens se torna padronizado, a família deixa de ser livre para educar. Na medida em que o trabalho invade as casas, perde-se a autonomia e a privacidade, submetendo a família a fazer constantes adaptações para se enquadrar num modelo pré-determinado e marcado pela transitoriedade.

Verifica-se assim, que não há somente uma dissolução da autoridade familiar, mas também o surgimento e a busca de “novas autoridades” que atendam as demandas dos pais de dividir a responsabilidade pela educação de seus filhos, uma vez que hoje, a dedicação e a disponibilidade dos pais também está sobredeterminada pelo tempo que o trabalho não consumiu.

Resultados e Conclusões

Os resultados da pesquisa realizada em 2001-2002 com pais de crianças que freqüentam o ensino fundamental apontaram que o que

determina hoje quem cuida, quem educa e quem auxilia os filhos nas tarefas escolares é o trabalho dos pais e o tempo disponível por eles.

A pesquisa realizada nos permitiu verificar que o tempo é hoje um dos maiores norteadores que define a possibilidade de dedicação dos pais aos filhos. A maioria dos entrevistados demonstrou grande preocupação a respeito da necessidade de estarem atentos à aprendizagem e de acompanhar os filhos na escola. No entanto, acabam se organizando em função do tempo que não foi consumido pelo trabalho de cada um. É esse tempo, que o trabalho e o sistema de produção não consumiram dos pais, que restará aos filhos como possibilidade de interesse, dedicação e disponibilidade.

Observa-se que na medida em que diminui a disponibilidade de tempo para os filhos, os pais necessitam contar cada vez mais com outras fontes de recursos – como a escola – que os auxiliem no exercício da função educadora e dividam com eles tal responsabilidade.

A pesquisa mostrou também que tal afirmação pode ser verificada na atitude atual dos pais de se sacrificarem financeiramente para oferecer aos filhos uma escola de “boa qualidade”, com a qual eles possam contar, dividindo os cuidados e a educação de seus filhos. Além disso, quando as crianças apresentam queda no rendimento escolar, tanto os pais quanto às escolas, encaminham para serviços especializados, que podem correr o risco de funcionar como terceirização de serviços e de funções que inicialmente deveriam ser desempenhadas pelos pais.

No contexto atual, os problemas de desatenção e de hiperatividade, tão freqüentemente citados como manifestações de dificuldades de aprendizagem, podem ser considerados como sintomas de uma sociedade que está desatenta aos seus aspectos humanos mais profundos e que oferece incessantemente um excesso de estímulos que submete o sujeito a um tipo de aprendizagem e adaptação rápida, constante e muitas vezes fragmentada.

Sabemos que o processo de aprendizagem pressupõe uma historicização, ou seja, o indivíduo e seu contexto precisam ser reconhecidos e simbolizados. Para isso, é preciso tempo. Portanto, é necessário que os pais “gastem/dediquem” tempo aos seus filhos e à educação. Os objetos da realidade devem ter uma durabilidade e uma cronologia que permita processá-los de forma lenta e gradual. No entanto, o caráter instantâneo, não cronológico e descartável do mundo atual, acaba por impedir uma construção sólida e duradoura do conhecimento, gerando certa ansiedade por uma busca que nunca é considerada suficiente.

Neste contexto, as dificuldades escolares podem ser compreendidas como expressão de um certo “mal-estar” de se viver em uma sociedade veloz e instantânea, que cobra, determina e requer constantemente a homogeneização e, ao mesmo tempo, ilude com a promessa do alcance do prazer, sem revelar os seus custos.

Embora os sintomas de desatenção e de hiperatividade sugiram uma pluri-causalidade de fatores, envolvendo também aspectos ligados às disfunções neurológicas, podemos pensar que algumas crianças, à parte dessa etiologia, acabam tornando-se “hiperativas” como tentativa de acompanhar e de se adaptar a uma sociedade que clama por mudanças rápidas a todo tempo. Neste sentido, essa atividade exacerbada da criança, que é uma das causas das dificuldades de aprendizagem e que compromete a capacidade de atenção, uma vez contextualizada, pode ser pensada como uma forma de ansiedade que reflete um modelo familiar que, por sua vez, é sobre-determinado pelo sistema social e econômico.

Além disso, essa mesma sociedade exclui constantemente aqueles que não se adaptam ao seu ritmo e às suas pré-determinações. Isso gera nas crianças com baixo rendimento escolar, uma sobrecarga e uma sensação de incapacidade, que interfere sobremaneira em sua personalidade como um todo.

Para Polity (2001), a dificuldade de aprendizagem pode ser definida como um sintoma psicossocial, com pelo menos três constituintes básicos: a criança, a família e a escola. Sua evolução está intimamente relacionada com a estrutura e dinâmica funcional do sistema familiar, educacional e social no qual a criança está inserida.

Deste modo, as dificuldades de aprendizagem devem ser analisadas e compreendidas, não somente como uma falha individual de um sujeito que resiste a adequar-se ao pré-estabelecido, mas como uma confluência de fatores que incluem a escola, a família, os professores e o sistema de relações sociais envolvidos (POLITY, 2001).

Marturano (apud FUNAYAMA, 2000) descreve que o impacto positivo do ambiente familiar sobre o desempenho da criança na escola, depende de dois fatores: experiências ativas de aprendizagem que promovem competência cognitiva e um contexto social que oferece auto-confiança e interesse ativo em aprender.

Assim como nas pesquisas desenvolvidas por Marturano (apud FUNAYAMA, 2000), este estudo permitiu constatar, entre outros resultados, que as crianças que apresentam algum tipo de dificuldade escolar, recebem menos atenção de seus pais, uma vez que as próprias dificuldades ocasionam um certo desgaste na relação afetiva. Sendo assim, os pais se voltam para esses filhos, quase que exclusivamente para tentar contornar as dificuldades escolares apresentadas na relação com eles.

A partir de tais constatações, torna-se importante refletir sobre o atendimento psicopedagógico hoje e, sobretudo, refletir a respeito de sua condução e manejo com a criança, com a sua família e com a escola.

Embora as dificuldades de aprendizagem estejam ligadas a múltiplos fatores, elas são sobremaneira sustentadas pelo meio familiar, escolar e social, e a forma como estes sistemas, em especial a família, definem essa dificuldade, terá um papel decisivo na evolução e resolução

do problema, pois as dificuldades de aprendizagem expressam uma personificação dos conflitos familiares e emocionais que não foram manifestos explicitamente, permanecendo muitas vezes no inconsciente da criança, de forma velada (POLITY, 2001).

Deste modo, cabe ao psicopedagogo, um olhar atento no sentido de contextualizar os problemas de aprendizagem na atualidade e compreender tanto a dinâmica familiar de onde emergiu o sintoma, quanto os mecanismos de exclusão desencadeados pela escola e pela sociedade.

Nesta mesma perspectiva, é importante ao psicopedagogo, ajudar a família a tomar consciência dos mecanismos que determinaram a formação do sintoma apresentado pela criança, que muitas vezes se apresenta não só como o porta-voz de uma dinâmica familiar comprometida, mas de todo o funcionamento de seus membros.

A inclusão do suporte familiar no atendimento psicopedagógico da criança na atualidade constitui um recurso valioso que pode auxiliar as dificuldades encontradas por toda a família.

A compreensão do contexto mais amplo, de acordo com Polity (2001), não torna a criança mais inteligente, mas possibilita que se formem novas construções que redefinem a carga de responsabilidade, distribuindo aquilo que anteriormente foi determinado como o sintoma de um, por todos os envolvidos: família, escola, sociedade, comunidade e psicopedagogo, formando assim, uma verdadeira rede relacional, evitando que a desatenção como sintoma, seja o reflexo de um descaso dos pais, da sociedade e da escola com as crianças.

Assim, é importante que o atendimento psicopedagógico se torne também, o lugar de se pensar a aprendizagem, a partir das relações humanas vividas na família.

Referências

ACKERMAN, N. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e terra, 1995.

ARANTES, A. A. et al. **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

ARIÈS, P.; DUBY, G. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: L.T.C., 1981.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARTER, J.; Mc GOLDRICK, B. M. **As mudanças no ciclo da vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. et al. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

COMPARATO, M. C.; MONTEIRO, D. S. F. (Org.). **A criança na contemporaneidade e a Psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FIGUEIRA, S. A. (Org.) **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer** (1920). Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.18.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.21.

FUNAYAMA, C. A. R. (Org.). **Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2000.

GOLA, M. F. M. A. A criança, a escola e o processo de aprendizagem. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. S. F. (Orgs.). **A criança na contemporaneidade e a Psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.141.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas básicos da Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.

KEHL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. S. F. (Orgs.). **A criança na contemporaneidade e a Psicanálise: família e sociedade. Diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.29.

KLEIN, M. **A Psicanálise da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARTURANO, E. M. Recursos do ambiente familiar e aprendizagem na escola. **Revista Psicologia, Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v.15, n.2, p.135-142, mai/ago. 1989.

MARTUSCELLO NETO, C. **Família e conflito conjugal**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OUTEIRAL, J. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, C. (Org.). **Geração delivery**: adolecer no mundo atual. São Paulo: Sá Editora, 2001. p.13-28.

POLITY, E. **Dificuldade de aprendizagem e família**: construindo novas narrativas. São Paulo: Vetor, 2001.

ROUANET, S. P. **Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOIFER, R. **Psicodinamismos da família com crianças**. Petrópolis: Vozes, 1983.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Endereço para correspondência:
E-mail: juliaorsi@onda.com.br